



**O ESTAR NAS RUAS: UMA ANÁLISE SOBRE A SUBJETIVIDADE DE  
PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

**BEING ON THE STREETS: AN ANALYSIS OF THE SUBJECTIVITY  
OF PEOPLE IN HOMELESS SITUATIONS**

**ÊTRE DANS LA RUE : UNE ANALYSE DE LA SUBJECTIVITÉ DES  
PERSONNES EN SITUATION DE SANS-ABRI**

**Maria de Nazaré Sousa Gomes Castro<sup>1</sup>**

**Aline Martins Monteiro<sup>2</sup>**

**Resumo**

O índice de pessoas em situação de rua está cada vez mais elevado e suas ocorrências possuem motivos diversificados, conduzindo a preocupações sociais e políticas quanto a dignidade e proteção a essas pessoas. Porém, atualmente, temos visto atitudes políticas favoráveis ao desenvolvimento de políticas públicas capazes de mitigar os danos decorrentes das situações de rua. Muitos movimentos estão emergindo favoráveis a moradia e vida com dignidade, pautando o direito de estar nas ruas, porém fervorosos pela implementação de políticas públicas com efetivação dos direitos fundamentais constitucionais. Assim, a presente pesquisa é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, que buscou discutir os aspectos relacionados a essa conjuntura. Tem por **objetivo** investigar as concepções constituídas por pessoas em situação de rua sobre suas experiências decorrentes das vivências nas ruas. Quanto ao **método** trata-se de uma pesquisa tipo de campo, com abordagem qualitativa. Os participantes incluídos foram 05 pessoas em situação de rua, usuários dos serviços de uma Organização da Sociedade Civil. Os instrumentos utilizados foram a entrevista semiestruturada e a observação participante. Para o tratamento e análise dos dados, optou-se pela análise de conteúdo. A pesquisa seguiu todas as normas e recomendações éticas. Como **resultado** ressalta-se que, o deslocamento às ruas é um fenômeno multifatorial, sendo que as políticas no Brasil e no mundo evidenciam

<sup>1</sup> Docente do curso de psicologia da Universidade Nilton Lins, Manaus – AM. e-mail [naza.mestradoufam@gmail.com](mailto:naza.mestradoufam@gmail.com).

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia – Universidade Nilton Lins, Manaus – AM, e-mail: [linemartinsmonteiro@hotmail.com](mailto:linemartinsmonteiro@hotmail.com).



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que os maiores motivos para a procura das ruas estejam relacionadas a pobreza, imigração, migração, desemprego e rompimentos dos vínculos familiares. Foi possível identificar que, comumente, esse coletivo é tratado de forma marginalizada e nomeado a figuras negativas, com isso, eles passam a ter percepções de baixa autoestima, sentimentos de medo, insegurança, solidão, tristeza e até mesmo, de fracasso. Por conseguinte, sem ter a quem recorrer para lidar com os aspectos emocionais, as drogas lícitas e ilícitas tornam-se alternativas imediatas. **Conclui-se** que o sentimento de exclusão repercute em sofrimento emocional, conduzindo a comorbidades, dependência química, violência e outros. Porém, a rua também pode representar lugar de encontros pois, para não se sentirem excluídos, formam redes de apoio e afeto como forma de proteção e amizade.

**Palavras-chave:** representações sociais; pessoas em situação de rua; subjetivação.

### Abstract

The number of homeless people is increasingly high and their occurrences have diverse reasons, leading to social and political concerns regarding the dignity and protection of these people. However, currently, we have seen political attitudes favorable to the development of public policies capable of mitigating the damage resulting from homelessness. Many movements are emerging in favor of housing and life with dignity, supporting the right to be on the streets, but fervent for the implementation of public policies that enforce fundamental constitutional rights. Thus, the present research is an excerpt from a Course Conclusion Paper – TCC, which sought to discuss aspects related to this situation. It aims to investigate the conceptions formed by homeless people about their experiences arising from their lives on the streets. As for the method, it is a field type research, with a qualitative approach. The participants included were 05 homeless people, users of the services of a Civil Society Organization. The instruments used were semi-structured interviews and participant observation. For data processing and analysis, content analysis was chosen. The research followed all ethical standards and recommendations. As a result, it is highlighted that taking to the streets is a multifactorial phenomenon, with policies in Brazil and around the world showing that the biggest reasons for taking to the streets are related to poverty, immigration, migration, unemployment and disruption of family ties. . It was possible to identify that, commonly, this collective is treated in a marginalized way and named negative figures, as a result, they begin to have perceptions of low self-esteem, feelings of fear, insecurity, loneliness, sadness and even failure. Therefore, without having anyone to turn to to deal with



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

emotional aspects, legal and illicit drugs become immediate alternatives. It is concluded that the feeling of exclusion results in emotional suffering, leading to comorbidities, chemical dependency, violence and others. However, the street can also represent a place for meetings because, in order not to feel excluded, they form networks of support and affection as a form of protection and friendship.

**Keywords:** social representations; homeless people; subjectivation.

### Résumé

Le nombre de personnes sans abri est de plus en plus élevé et leur apparition a des causes diverses, suscitant des préoccupations sociales et politiques concernant la dignité et la protection de ces personnes. Cependant, nous constatons actuellement des attitudes politiques favorables au développement de politiques publiques capables d'atténuer les dommages résultant du sans-abrisme. De nombreux mouvements émergent en faveur du logement et d'une vie digne, soutenant le droit d'être dans la rue, mais fervents pour la mise en œuvre de politiques publiques qui font respecter les droits constitutionnels fondamentaux. Ainsi, la présente recherche est un extrait d'un document de conclusion de cours – TCC, qui cherchait à discuter des aspects liés à cette situation. Il vise à enquêter sur les conceptions formées par les personnes sans abri sur leurs expériences découlant de leur vie dans la rue. Quant à la méthode, il s'agit d'une recherche de type terrain, avec une approche qualitative. Les participants inclus étaient 05 personnes sans abri, utilisateurs des services d'une organisation de la société civile. Les instruments utilisés étaient des entretiens semi-structurés et l'observation participante. Pour le traitement et l'analyse des données, l'analyse de contenu a été choisie. La recherche a suivi toutes les normes et recommandations éthiques. En conséquence, il est souligné que descendre dans la rue est un phénomène multifactoriel, les politiques au Brésil et dans le monde montrant que les principales raisons de descendre dans la rue sont liées à la pauvreté, à l'immigration, à la migration, au chômage et à la rupture des liens familiaux. . . Il a été possible d'identifier que, communément, ce collectif est traité de manière marginalisée et nommé des figures négatives, par conséquent, ils commencent à avoir des perceptions de faible estime de soi, des sentiments de peur, d'insécurité, de solitude, de tristesse et même d'échec. Ainsi, sans avoir personne vers qui se tourner pour gérer les aspects émotionnels, les drogues licites et illicites deviennent des alternatives immédiates. On conclut que le sentiment d'exclusion se traduit par une souffrance émotionnelle, conduisant à des comorbidités, une dépendance chimique, de la violence et autres. Mais la rue peut aussi représenter un lieu de rencontre car, pour ne pas se sentir exclus,



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ils forment des réseaux de soutien et d'affection comme une forme de protection et d'amitié.

**Mots-clés** : représentations sociales ; les sans-abri; subjectivité.

## **Introdução**

O índice de pessoas em situação de rua no Brasil tem chamado a atenção pelo crescimento significativo, exigindo das Instituições públicas e privadas respostas as necessidades decorrentes desse fenômeno.

De acordo com os dados do estudo intitulado “Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil” realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o número de pessoas em situação de rua (PSR), dobrou de 2019 a 2020, chegando à um número estimado de 222 mil pessoas. Segundo Amorim e Nobre (2018) este cenário se apresenta historicamente, via de regra por períodos de aumento ou retração conforme o contexto econômico e social do país, influenciando diretamente na vida destas pessoas e agravando o nível de exposição as múltiplas violações de direitos e vulnerabilidades.

Outro aspecto importante que incide esta problemática tem sido a crise na saúde instaurada pelo advento da pandemia da COVID-19, onde estudos atuais demonstram que, para a população em situação de rua, os impactos foram maiores. Entre as pessoas sem moradia estão os desempregados e trabalhadores informais - como guardadores de carros e vendedores ambulantes, mulheres que vivem em situação de prostituição, imigrantes e, tem-se percebido o aumento do número de mulheres com crianças.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou, recentemente, o Plano Ruas Visíveis, direcionados ao Futuro da População em Situação de Rua, buscando promover políticas públicas em âmbito Nacional. Destaca-se no lançamento a necessidade de iniciativas de ordem governamental, exigindo ações políticas como forma de dar visibilidade aos direitos dessa população.

Porém, entende-se que, desde os tempos antigos, pessoas em situação de rua são consideradas como um grupo que vivenciam a exclusão social, isso pois, em dinâmica de convívio, elas são vistas como uma população marginalizada e, por conseguinte, isolada de certas atividades sociais. Assim, nota-se a ocorrência da negligência de direitos coletivos, dos quais são relacionados ao tratamento humanitário junto a essas pessoas, principalmente no que tange a reabilitação e inclusão social.

As pessoas em situação de rua, comumente, carregam estereótipos que, associadas ao contexto, podem ser relacionadas a



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

figuras negativas, atribuindo-se a elas termos como mendigos, ladrões e dentre outras construções sociais pejorativas que marginalizam as pessoas. trata-se de conceituações errôneas e não condizentes com a realidade deles.

Portanto, a vivência nas ruas expressa as violações de direitos e atua como propulsores da exclusão social, podendo influenciar na saúde mental. Porém, o mesmo lugar que para alguns pode representar proteção e acolhimento para outros, pode ser um cenário de muitos riscos, assim a subjetivação construída através das vivências nas ruas é um processo vivencial, cujo significado será dado de forma individual, a partir das histórias de cada pessoa.

Assim, o conhecimento desse conteúdo da pesquisa é importante pois, para que a própria sociedade possa perceber que pessoas em situação de rua devem ser acolhidas e não excluídas de seus direitos e interações sociais. Os motivos que levam essas pessoas a permanecerem nas ruas são variados, dependendo das histórias e trajetórias individuais.

Com base nisso, as unidades institucionais (Governamentais ou não governamentais) e políticas sociais que prestam apoio e acolhimento a esse público devem direcionar sua atuação para que haja a garantia dos direitos humanos muitas vezes negligenciados. Devem promover a autonomia para que realizem seus percursos com o conhecimento de seus direitos e cidadania. O fazer das instituições precisa despertar para o empoderamento e libertação da alienação.

Para isso, a Organização das Nações Unidas fornece recomendações quanto as estratégias para o respeito de direitos humanos, enfatiza o dever político, no plano mundial, conduzindo para a sensibilidade quanto aos efeitos da exclusão social.

Assim, diante das realidades e desafios apresentados na sociedade atual, esta pesquisa é fundamental para se ampliar o conhecimento quanto as experiências e histórias dessas pessoas que vivem em situação de rua, obtendo através delas mesmas sinais para atuações efetivas, capazes de salvaguardar a vida com dignidade.

### **Método**

Quanto aos objetivos metodológicos esta pesquisa foi descritiva, que segundo a definição de Prodanov e Freitas (2013) é a pesquisa que visa assinalar descobrimentos a medida em que os fenômenos ocorrem, sem que o pesquisador venha interferir, mas sim realizar um registro desses fenômenos.

Outrossim, a abordagem desta pesquisa é qualitativa, a qual não se remete a quantidade e/ou informações numéricas, mas sim ao conteúdo e interpretação dos dados coletados. Isto é, o principal objetivo nesse segmento é interpretar os fatos buscando o entendimento nos quesitos observáveis e de análise, bem como, aspectos de



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

compreensão dos significados nos fenômenos apresentados (Neves, 2015). Nesse sentido, além do segmento da abordagem qualitativa, esta pesquisa foi exploratória, a qual possui critérios flexíveis para investigar alguma problematização.

A pesquisa contou com a participação de 05 usuários, com idades entre 18 a 65 anos, participantes de um projeto social na Zona Norte de Manaus, estando identificados com nomes fictícios.

Utilizou-se como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, através de um questionário de 9 questões, com perguntas abertas aos participantes, atendendo também ao assunto, ao problema e ao tema colocado na presente pesquisa.

Para o tratamento e análise de dados, foi realizada a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2011) é considerada uma forma empírica, sendo em analisar o discurso e dados acompanhados em pesquisa, juntamente ao levantamento teórico e com os participantes de pesquisa, onde a verbalização deles é posta em análise e contextualizada aos questionamentos do investigador. A pesquisa foi submetida ao comitê de ética e aprovada com parecer de número 6.337.216.

### **A solidão nas ruas: estigmas e invisibilização social como reflexo do viver nas ruas**

Segundo Figueiras (2019) a visão social sobre pessoas em situação de rua é vista com grande problematização, considerando a ideia a respeito de estigmas que atravessam a real vivência nas ruas. Assim, procurou-se entender como são perpetuados os estigmas sociais, ao ponto de colocarem a pessoas em situação de rua como um grupo em invisibilidade.

O participante Olheiro (46), relatou sobre um evento que marcou a sua procura pelas ruas, enfatizando a separação de sua ex-esposa e dificuldades com vícios em bebidas. A fala do participante demonstrou que a procura pelas ruas ocorreu devido ao sentimento de solidão, gerado devido ao rompimento dos vínculos familiares.

Decepção. Me casei muito cedo, com 12 anos de idade, ela tinha a mesma idade. Eu trabalhava e nesse tempo nós morávamos na casa da minha mãe. Quando eu atingi a maior idade consegui um bom trabalho em uma empresa renomada aqui em Manaus. Eu ganhava por comissão, me tornei o melhor vendedor da empresa. Com isso apareceram muitas mulheres, eu acabava gastando muito com elas, ia para motéis de luxo, comprava presente caros, melhores bebidas,



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

finais de semana inteiro na farra. Já para minha mulher quase não sobrava nada. Eu sempre mandava ela pegar as compras fiado na taberna perto de casa. Ao receber ia lá e pagava. E assim foi por muito tempo. Quando eu me espertei, o dono da taberna tinha roubado a minha mulher. Lá perto da casa onde morávamos, tinha uma casa que era o sonho dela, queria que eu comprasse para nós morarmos. O taberneiro comprou a casa, levou a minha mulher e minha filha e eu fiquei sem nada. Perdi o meu emprego, decepcionado com a vida comecei a beber eu fui parar nas ruas, não conseguia mais ficar na casa onde nós morávamos.

Vemos a partir desse relato que existem razões subjetivas para a procura das ruas, o que pode retratar significativo sofrimento, perdas, e isolamentos. Esse rompimento de relações afetivas foi também apontado pelos autores Hino, Santos e Rosa (2018), pois comentam que antes mesmo da permanência e procura das ruas, algumas pessoas carregam consigo histórias de vida e sofrimento significativo, com os quais não sabem lidar, levando-os a procura de outros lugares e ciclos sociais.

Na discussão apresentada pelo autor Azevêdo (2020), a falta da interação familiar pode delimitar o primeiro tipo de vulnerabilidade e problemática a ser vivida, pois quando não há o afeto, nem vínculo de convívio com familiares, o ser humano tende a suprimir o sofrimento resultante disso, na procura de pessoas que podem aceitá-los e fazer parte do convívio.

Como visto no relato do participante Olheiro, supracitado, a procura das ruas, e a permanência nesse local, perdura até os dias de hoje por um acontecimento de desvinculação familiar. Isso mostra também a tentativa de superação, o que para o ser humano, pode ser sentido como solidão.

Assim, conforme Caravaca-Moreira e Padilha (2015) a família, os amigos e pessoas de convivência são essenciais para a vida do ser humano, principalmente porque a partir das convivências e vínculos, é fortalecida a qualidade de vida do mesmo. E como dizem também os autores, a carência de vínculos, principalmente de vínculos familiares, gera declínios em saúde mental, que acarretam sentimentos de exclusão e invalidação social.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Portanto, quando não há essa presença ou perda de pessoas significativas, como ficaria as questões emocionais dessa pessoa? Como isso influencia a procura para as ruas? E como a solidão é percebida por essas pessoas, quando as mesmas sofrem também com a invisibilidade em sociedade?

Essas e outras perguntas se ampliam à medida em que conhecemos a realidade presente na vida das pessoas em situação de rua. Para Ponte et al. (2022), o enfrentamento de dificuldades como essas são resultantes de estigmas sociais e também da sociedade excludente. As pessoas não vão para as ruas motivadas a estarem sozinhas, elas vão para as ruas porque não possuem maiores perspectivas, e ainda, vão para se situarem em um grupo social.

O participante Velador (32), comentou um pouco de sua trajetória, até o estabelecimento nas ruas, onde informou que a mudança do estado do Ceará (local onde nasceu) para o Amazonas foi motivada pela procura de melhores condições de vida. Entretanto, quando chegou ao Amazonas, em sua primeira oportunidade de emprego, sofreu com um acidente físico que o fez perder a visão. Com isso, o mesmo também perdeu oportunidades de trabalho, passando a ter problemas financeiros. Quando passou por isso também viu-se longe da família, e esse aspecto foi algo que lhe fragilizou muito, em dado momento.

Na verdade, eu não sou daqui, sou de Sobral, Ceará. Eu vim com um amigo atrás de trabalho, fomos para Parintins, eu era mestre de obra. Enquanto conseguia trabalhar, dava pra pagar um lugar pra morar e comprar as minhas coisas pra comer. Aí aconteceu um acidente comigo, perdi parte da visão, não consigo mais trabalhar. Vim aqui pra Manaus, só que sem ninguém da minha família aqui em Manaus e sem emprego fui morar nas ruas (Velador).

Para Cucho (1999) o ser humano se institui socialmente através de sua identidade social, que é muito importante para que ele se reconheça e se localize em um sistema social, e quando isso não ocorre, nota-se a falta do sentimento de pertencimento.

Com isso, vemos que a falta de pertencimento social do participante Velador, ocasionou a ausência de apoio ou rede afetiva, passando a desenvolver percepções distorcidas sobre si mesmo. Esse isolamento também o fez recorrer às ruas para que viesse ter convivência em um grupo social.

Segundo Abreu e Salvadori (2015) antes do fenômeno de habitar as ruas, existe uma mentalidade e razões para a procura desse local, ou mesmo motivações que fogem do controle de muitas pessoas, como em situações que causam sofrimento, por exemplo. As ruas às vezes é o



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

local que não necessariamente é escolhido. E nesse ambiente existe uma população de pessoas que ocupam espaços públicos e convivem entre si, de uma maneira que conseguem até se perceber numa condição cultural, como nas formas de viver, se relacionar, e saber de outras ordens presentes nesse meio.

Analisando as falas dos autores, nas ruas pode-se encontrar grupo social para a convivência, mas ao mesmo tempo, não é porque as pessoas se refugiam nesses locais que necessariamente vão deixar de se sentir excluídos, ou sem o sentimento de solidão.

A participante Sentinela (31) comentou sobre suas experiências nas ruas devido a rejeição familiar e preconceito por sua sexualidade e identidade de gênero:

Eu estou nas ruas porque minha família não me aceita, eu sou uma mulher trans. Quando descobriram que eu me identificava como mulher e gostava de me relacionar com homens, eu apanhava muito dos meus irmãos, eles nunca me aceitaram e por não aguentar mais ser agredida, preferi sair da casa da minha mãe. Nas ruas eu me sinto livre, apesar de não ser um lugar ideal para uma pessoa morar. Passo muitas dificuldades, tenho que catar latinha, para comprar comida, maquiagem e droga. Mas, de certa forma a rua pra mim representa paz, eu não tenho que apanhar todos os dias e estou com uma pessoa maravilhosa, meu marido é bom pra mim.

De acordo com Campos, Cardoso e Moretti-Pires (2019) as discriminações por parte de familiares, com motivos de preconceitos a sexualidade só intensificam. Nas relações discriminatórias na família, principalmente quando vêm acompanhadas de maus tratos, fazem com que a trajetória de uma pessoa às ruas se torne ainda mais sofrida. Chegando às ruas, se deparam com outras formas de preconceito e discriminação podendo, até mesmo, serem mais intensos, se considerar as violências, abusos e etc.

As piadas escrachadas contra LGBT e o uso dos termos 'bicha' e 'viado' para chacota no ambiente da rua são uma extensão dessa discriminação naturalizada na sociedade. Destaca-se um agravante nesse contexto, pois mais de 80% da PSR é formada por homens heterossexuais que tendem a desempenhar práticas de masculinidades violentas e heterocentradas (Campos, Cardoso & Moretti-Pires, 2019, p. 86).

A participante Sentinela relatou que realmente viveu um grande sofrimento com seus familiares, pois não se sentia aceita. Com o passar do tempo, os maus tratos só foram se intensificando, e após ter ido para as ruas, não deixou de sofrer com questões de violência por conta de sua identidade de gênero.

No entanto, Sentinela relatou sobre ter encontrado um parceiro de relacionamento, afirmando que a partir dessa convivência passou a se



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sentir protegida e aceita, dando ênfase ao sentimento de bem-estar por ter tido esse vínculo positivo e acolhedor, ressaltou:

Eu sofria muito, ficava angustiada, triste. Mas depois que eu conheci meu marido, ele não deixa ninguém me maltratar. Às vezes a gente briga como todo casal, mas logo nos acertamos. Sem ele a vida se torna mais difícil. Eu amo muito ele.

Na revisão trazida por Esmeraldo Filho e Ximenes (2021) a situação de rua mostra um grupo de pessoas que já viveu com o sofrimento da pobreza, fragilização de vínculos, preconceitos, uso e vício em drogas, álcool e outros, influenciando na maneira como essas pessoas se sentem.

Com as narrativas apresentadas, percebeu-se que as experiências em que os mesmos não conseguiram lidar, e também as experiências em que sofreram com maus tratos de outros, só os fizeram ter a percepção do quanto eram rejeitados, evidenciando a falta de pertencimento social.

Além disso, sentimentos de tristeza, rejeição, e sentimentos semelhantes agravam de uma maneira significativa, a vivência nos locais das ruas. A deterioração social é um acontecimento que só reforça a permanência nas ruas, pois existe uma intensidade de preconceitos que fazem com que muitos pensem que as ruas são os melhores recursos encontrados para lidar com as adversidades (Esmeraldo Filho & Ximenes, 2021).

Para o participante Espia (52), que relatou sobre o sentimento e representatividade associados ao viver nas ruas, o mesmo destacou não só a solidão, mas também sobre ter tido a presença de uma “nova família”, onde afirmou que a partir de suas experiências nas ruas teve um novo ciclo de convívio e de vínculos.

Solidão! Apesar de a gente ficar junto, tomar uma cachaça para passar o tempo ou ficar a noite inteira conversando na fila do posto para pegar ficha, e ganhar um trocado, as vezes me sinto solitário. Penso em tudo que eu perdi por não priorizar as pessoas que eram realmente importantes para mim. Ao mesmo tempo a rua representa uma família, só temos que saber com quem ficar. Hoje consigo me adaptar, não tenho mais a família constituída por Deus. Mas, consegui outras pessoas. Vivemos em grupo. Eles agora são a minha família. A rua me deu uma família. É claro que devemos escolher bem as pessoas com quem vamos nos juntar, porque tem



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

muita gente na mesma situação que eu que acaba levando os outros ainda mais para o buraco, usando drogas, roubando, matando, são violentos. Meu grupo só toma cachaça e joga conversa fora e assim acabamos esquecendo um pouco de nossos problemas.

Podemos contextualizar essa fala a discussão dos autores Rodrigues, Lima e Holanda (2018), pois eles apontam para a autoexclusão dessa população, que mostra também autopercepções negativas e ideias de exclusão, sofrimentos, vergonha, pois se culpam por estarem nessa situação.

Vemos isso também com o relato do participante Olheiro, que comentou sobre a evitação familiar devido a sentimentos de vergonha da sua condição e estilo de vida atual:

[...] parentes, eles moram longe daqui. A casa deles é no Canaranas. Mas, não gosto de ir lá, tenho vergonha por eu estar nessa situação, morando na rua. Às vezes a gente fica todo sujo, fedorento, bêbado, não vou muito lá com eles.

Contudo, apesar dos participantes terem narrado que vivem em um grupo, os mesmos ainda comentaram sobre o sentimento de solidão, em decorrência ao que viveram para estarem atualmente nessa condição. Quando abordou a reflexão a respeito da ida às ruas, os mesmos relatavam percepções associadas a solidão nesse processo.

Apesar da solidão ser bastante notória nessa realidade, alguns pontuaram as ruas como um local de liberdade, onde procuraram encontrar pessoas que não os julgavam. Ainda, apresentaram a rua como referência de refúgio, sendo por conta da discriminação familiar, julgamento social por conta dos vícios e, ainda, do constrangimento existenciais de indignidade.

O participante Espia (43), relatou sobre não ter tanto contato com familiares, não tendo também o desejo de retornar a residir em uma casa, por idealizar as ruas como um lugar de liberdade, dizendo:

Tenho com as minhas filhas, com meu filho é mais difícil porque ele trabalha de noite. Já com a minha filha que é deficiente eu só posso ver ela dia de domingo à tarde. A outra quer que eu vá morar em um quatinho na casa dela. Mas, eu acho melhor estar nas ruas mesmo. Na rua a gente pode ir para onde quisermos, podemos ficar aqui na feira, na puxadinha da escola, ir para o centro. Me sinto livre!

Na compreensão da presente pesquisa, quanto ao sentimento sobre o estar nas ruas, foi perguntado sobre o sentimento e representatividade da rua para os participantes, onde Sentinela relatou:

Nas ruas eu me sinto livre, apesar de não ser um lugar ideal para uma pessoa morar. Passo muitas dificuldades, tenho que catar latinha, para comprar comida, maquiagem e droga. Mas, de certa forma a rua pra mim representa paz, eu não tenho que apanhar



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

todos os dias e estou com uma pessoa maravilhosa, meu marido é bom pra mim.

Cada um teve uma dificuldade em suas histórias, a qual não os deu outra opção, senão as ruas. Algumas pessoas buscam a invisibilidade nas ruas para estarem longe do que as fazem sofrer. Entretanto, por outro lado a invisibilidade presente nos atendimentos na sociedade, por exemplo, só os faz se sentirem mais estigmatizados. E vemos como o resultado disso, o afastamento destes de outras funções na sociedade.

Em suma, a invisibilidade da pessoa em situação de rua, pode ser buscada propositalmente quando há uma fuga de realidades angustiantes, enquanto por outro lado, a invisibilidade pode ser vista em situações que as outras pessoas os constroem, por xingamentos, por julgamentos a aparência, por tratamento diferenciado etc. (Ponte et al., 2022).

Portanto, como visto, a permanência nas ruas é vivenciada por razões multifatoriais, mas que mesmo resultando em uma convivência grupal nas ruas, as motivações são individuais, com a história de vida de cada pessoa e família. Além do mais, os preconceitos vividos durante o estabelecimento nas ruas tornam difícil a vivência nessa realidade.

Logo, será enfatizado a importância da rede social afetiva, enquanto influência positiva à saúde mental de pessoas em situação de rua, até porque, para não existir essa intensificação de sentimentos de solidão nas ruas, essas pessoas precisam ter alguma rede de apoio, e se sentirem acolhidas na sua forma.

### **A rede social afetiva como incentivo à saúde mental e bem-estar as pessoas em situação de rua**

Nesta categoria será discutido a influência da rede social afetiva, e como esta pode ser benéfica e incentivadora à saúde mental de pessoas em situação de rua, das quais pode se beneficiar com relacionamentos sociais e vínculos bem estabelecidos.

Segundo Sluzki (1997), a rede social significativa surgiu com os estudos sobre as variações microssociais, nas interações presentes nos mapas das redes, ou seja, nas interações entre as pessoas e seus familiares, colegas, vizinhos, profissionais de saúde e etc. A partir do olhar sobre os vínculos interpessoais, esse conceito traz a compreensão de como as redes sociais, na sua origem, desenvolvimento, funções e aspectos protetivos ou de riscos, estão presentes no contato social (Azevêdo, 2020).

De acordo com Oliveira e outros (2020), tratando-se de pessoas em situação de rua, essa questão da rede de apoio social é relativa ao ambiente que essa pessoa está vivendo, até porque existe uma diferenciação entre a realidade presente em áreas urbanas, e áreas rurais.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

As redes sociais significativas são tratadas como a representatividade de vínculos, e para as pessoas em situação de rua, são como um apoio fundamental para assistência em diferentes situações. Com esse conceito verificou-se sobre as redes sociais significativas a uma pessoa, e isso envolve a percepção de apoio que a mesma recebe (Azevêdo, 2020).

O que podemos entender a partir disso é que, considerando que a pessoa em situação de rua está situada em diferentes localidades, essa população pode ter ou não o apoio mais presente para o seu tratamento e sua assistência. Com isso, viu-se que apesar de serem um grupo específico, a pessoa em situação de rua possui contato com outros setores da sociedade, e a partir desses podem construir, ou não, sua rede de apoio.

Granja et al. (2023) afirmam que a população em situação de rua, diariamente possui relacionamentos diretos com pessoas, grupos, ou redes coletivas que executam políticas públicas, como em atendimentos em saúde, por exemplo, dos quais se estabelecem como integrantes sociais.

A respeito da rede de apoio os participantes relataram que, depois de terem se situado nas ruas tiveram, de certa forma, um afastamento de amigos antigos e do contato com os familiares. A participante Atalaia afirmou: “Tenho sim, com os meus filhos e meus netos! Mas eles não têm condições de sustentar a gente. Onde eles moram é um quartinho bem pequeno. Não quero incomodar, prefiro ficar aqui mesmo!”.

A participante Sentinela, por sua vez, afirmou ter contato somente com sua mãe atualmente: “Só com a minha mãe! Com os meus irmãos não quero saber e nem do restante da minha família”.

Segundo Reis e Azevêdo (2019), para que pessoas em situação de rua tenham suas necessidades supridas, é muito importante haver a prioridade nas particularidades de cada um, não esquecendo que essas pessoas já carregam um sofrimento intenso decorrido pelos estigmas sociais. E uma das principais necessidades destacadas pelos autores foi de relacionamentos, como rede de apoio.

Vemos o exemplo disso com a fala da participante Sentinela, a qual, após ter relatado sobre sua rejeição familiar, isso por conta da sua sexualidade, a mesma se afastou de muitos por conta da violência que sofreu na própria família:

[...] as pessoas dizem que sou macho e não sou uma mulher quando isso acontece, só lembro da minha família falando isso. Outros achavam que por eu ser assim tenha que ficar me prostituindo e quando eu rejeitava, eles ficavam violentos, me chutavam, cuspiam em mim e me chamavam de bichinha.

Campos, Cardoso e Moretti-Pires (2019) informam que dentre a pessoa em situação de rua, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Transexuais (LGBT) sofrem continuamente com a discriminação. Dentre os motivos para a ida às ruas destacam-se a rejeição familiar e discriminação a sexualidade, nos quais fazem com que essas pessoas tendam a buscar por outras experiências, e vivências melhores nas ruas.

As questões raciais também entram nessa pauta para a procura das ruas. No entanto, quando essas pessoas saem e permanecem nesse ambiente nota-se que a violência também é perpetuada através de maus tratos (Campos, Cardoso & Moretti-Pires, 2019).

Contudo, de acordo com esses autores, conflitos familiares motivados por sexualidade, crenças religiosas, doenças (como de HIV), violências e outros, geram desvinculações forçadas, onde pessoas que passam por isso recorrem às ruas e também, em outros casos, recorrem a vícios.

O participante Espia relatou sobre o vício em álcool, e as participantes Sentinela e Atalaia relataram sobre o uso de drogas. Patrício, Ajuria e Castro (2016) afirmam que muitas pessoas, além de procurarem escapes para o sofrimento, podem recorrer ao uso de drogas em resposta do isolamento social e/ou ainda, do sofrimento emocional.

Situações de desamparo reforçam as consequências danosas para a recorrência das drogas e ao agravamento de vícios em álcool. Atalaia, por exemplo, relatou que buscou o uso de drogas para que não viesse a sofrer tanto com a realidade nas ruas, dizendo: “[...] A dificuldade é tão grande que a gente acaba bebendo e se drogando pra poder esquecer da dor que sentimos”.

Segundo Patrício, Ajuria e Castro (2016) a recorrência a vícios, sendo de drogas e/ou álcool, tanto pelo sofrimento, como por outras razões, é apresentada muito mais nos locais das ruas, na pessoa em situação de rua, do que com pessoas que possuem residência.

Frente a isso, a rede de apoio para o acompanhamento de dificuldades como essas, está localizada especialmente no sistema de saúde, onde os profissionais participantes se apresentam como atores principais do cuidado. Mesmo que a procura de pessoas em situação de rua a sistemas de saúde não seja tão constante, por muitas vezes as mesmas podem não se sentir tão a vontade, pelo tratamento dos profissionais. As definições estereotipadas para pessoas em situação de rua mostram o quanto que a sociedade ainda possui expectativas e ideias errôneas sobre essas pessoas. Essas perspectivas são sociais, econômicas e políticas, que dão lugar a denominações ofensivas e de exclusão a esse público (Cunda & Silva, 2020).

Segundo Schenck et al. (2017) ainda se ocorrem estigmas no meio do funcionamento público, atribuído por funcionários que dificultam o recebimento e tratamento de pessoas em situação de rua, o que mostra a discriminação nesse meio. Situações como essas geram sentimentos de exclusão, inferiorização, culpa, e muitos outros que são de sofrimento a pessoa em situação de rua, o que faz os mesmos se



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

reconhecerem numa realidade sem saída; isso pode reforçar a procura de amizades nas ruas, e até mesmo envolvimento em conflitos e roubos.

Como visto nessa pesquisa, as motivações para a procura das ruas são plurais, mas por traz existe a necessidade e estabelecimento em um grupo social que podem se localizar, para viver ou sobreviver. Assim a luta pelos direitos e a qualidade política de ações direcionadas a pessoas podem até ser dificultadas pelas próprias pessoas da sociedade. É por isso que ações políticas devem ser um dever de construção, para que aos poucos os sujeitos não só conheçam seus direitos mas os alcancem com eficácia.

Ou seja, a rede de apoio, como profissionais de saúde, por exemplo, é colocada em destaque pois é por eles que se prestam assistência descritas pelas políticas no país, que chegam até a pessoa em situação de rua.

Assim, quando foi questionado sobre o apoio obtido por programas como o Projeto Esperançar, da Instituição Movimento Comunitário Vida e Esperança (MCVE), por exemplo, todos os participantes pontuaram o grande prestígio e aceitação a serem atendidos por instituições, referenciadas em caráter religioso, onde nas mesmas encontra-se a formação e capacitação para o atendimento. Logo, os participantes afirmaram sobre não se sentirem excluídos/discriminados por profissionais de atendimento.

A respeito disso, sobre o conhecimento do projeto Esperançar MCVE, viu-se pela fala dos 05 participantes durante as entrevistas nesta pesquisa:

**Olheiro:** Foi eles que me encontraram, um dia o R. ia passando pelo local onde eu ficava, ele parou e me falou de um projeto que tinha para pessoa na mesma situação que eu, morando nas ruas. Ele pediu que eu viesse aqui me escrever que eu conseguir tomar banho, trocar minha roupa, tomar café e almoçar. Na mesma hora eu vim, consegui fazer meu cadastro e estou aqui. Ainda estão me ajudando com as consultas e exames. Para eu poder me operar dessa hernia que dói muito.

**Espia:** Um dia eu estava lá com o pessoal bebendo cachaça e aí eles passaram por lá e me convidaram pra mim pra cá me cadastrar e eu vim. Foi a equipe de abordagem quem me convidou, conheci através deles!

**Velador:** Eu conheci o projeto através do pessoal que fica ali na feira, eles me chamaram pra vim aqui tomar banho e comer. Chegando aqui eu conheci a coordenadora daqui a irmã F., ela é uma pessoa muito legal, deixou eu ficar, me dá café, deixa eu tomar banho, me dar roupa, comida. Ela me ajuda muito.

**Atalaia:** O pessoal que ficam na feira que falaram que aqui eles ajudavam pessoas como a gente que não tinha onde morar. Aí depois que a gente descobriu viemos aqui e conseguimos fazer o



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nosso cadastro. Aqui me sinto gente normal, sou bem tratada, posso tomar banho, trocar de roupa, tomar café e almoçar.

Sentinela: Eu conheci o projeto através do meu marido, ele me trouxe aqui e agora sou cadastrada aqui no projeto.

A partir disso, nota-se que a busca dos participantes pelo local do MCVE, deu-se a priori, tanto por necessidades de autocuidado (higiene, por exemplo), como também pelas necessidades de suprimentos básicos (alimentação). A instituição, apresentando o projeto Esperançar é eficaz no alcance dessas pessoas para, primeiramente serem atendidas em necessidades básicas e, posteriormente, receberem orientações necessárias, para o bem-estar deste público.

Os participantes relataram também como era a relação com as pessoas do projeto e da comunidade:

Olheiro: As pessoas aqui do projeto são maravilhosas, alguns da comunidade também são gente boa. Mas, nem todos são assim, tem aqueles que são ruim, ignorante, tratam a gente mal, são violentos que agredem a gente com palavras e batem também.

Espia: Daqui eu não tenho nenhuma queixa, todo mundo me trata bem, como eu poderia reclamar se eles fazer esse benefício por nós que moramos na rua. Eu só fico triste com algumas pessoas que vem e se beneficia do projeto e depois rouba os fios, e coisa que serve para nós mesmo. Já com as pessoas da comunidade só alguns tratam a gente bem, ajuda nós. Mas outros, eu não gosto, são maus, então não me dou bem, prefiro evitar!

Velador: Graças a Deus aqui me dou bem com todo mundo, são gente boa. Fora do projeto tem sempre aqueles que são bons outros que são indiferente, mas é assim mesmo!

Atalaia: Aqui no esperançar eu só vejo pessoas boas, que se preocupam com a gente e cuidam de nós. aqui a gente é ouvida. Gosto de todos. La fora me dou bem com as pessoas do grupo que eu vivo. As pessoas da feira são gente boa!

Sentinela: As pessoas das ruas não têm a mesma generosidade que as pessoas aqui do projeto, gosto de todos aqui, são pessoas boas. Lá fora temos que lidar com os preconceitos.

No diálogo com os participantes, procurou-se compreender também o conhecimento e acesso dos mesmos a locais, como da instituição do MCVE, onde podem ter assistência e participação a programas de apoio:

Olheiro: Não! Esse é o primeiro lugar que me acolheu, aqui me sinto muito bem, todos aqui me respeitam, falam comigo, brincam, na verdade cuidam de todos nós.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Espia: Já participei de dois projetos, o “Epitácio” que fica no Tarumã e o “Resgatando Vidas” que fica em Manacapuru. Era para mim estar na “Fazenda Esperança”, mas meu sobrinho quem foi no meu lugar, ele é dependente de drogas. E eu sou de cachaça.

Velador: Esse é primeiro projeto que eu participo, já ouvi falar, mas nunca conseguia, mas agora sim estou aqui.

Atalaia: Nunca participei de nada, esse é a primeira vez. Nunca nem tinha ouvido falar que as pessoas que estão na rua recebem ajuda como aqui.

Sentinela: Esse é o primeiro que participo, gosto muito das atividades, de como tratam a gente, aqui não me rejeitam, sou respeitada, as pessoas falam normal comigo, recebo os benefícios desse projeto. Estou gostando muito!

Porém, quando perguntou-se da frequência e acesso a outros tipos de serviço, como de saúde por exemplo, esses demonstraram certa resistência. Alguns relataram que com a ajuda do projeto Esperança, conseguiam ir acompanhados pelos profissionais do MCVE para poderem ser atendidos. Assim, se questionou como os mesmos se sentiam ao serem atendidos nos serviços de saúde da comunidade.

Olheiro: A irmã F. me ajuda, eu já estou com uma consulta marcada para retornar com o médico. Como ela me levou e ficou lá comigo, eu fui muito bem atendido. Como eles agora me conhecem, se eu for sozinho eles vão me tratar bem. Mas, se eu chegar sujo eles nem vão olhar pra mim, muito menos me atender.

Espia: Aqui na UBS os médicos são bons, quem me atende bem mesmo quando eu preciso é o doutor F., ele é clínico geral; e os dentistas, eu sempre vou lá fazer limpeza nos meus dentes também. Eles são pessoas maravilhosas e não tem preconceito e nem tratam a gente mal!

Velador: Esse pessoal aqui do projeto já me tirou de muitas enrascadas, quando preciso de atendimento aqui na UBS a irmã F. vai comigo e eles me atendem bem. Tem alguns enfermeiros que não gostam de atender pessoas como eu, mas a irmã luta por nós e a gente é atendido como todo mundo.

Atalaia: Eu sempre venho aqui no posto de saúde, eles fazem um bom atendimento, não tenho queixa deles não, são pessoas educadas e tratam bem a gente.

Sentinela: Sou bem atendida, faço acompanhamento também no hospital tropical, tenho Aids. Mas sempre fui bem recebida lá também!

Pelo relato do participante Velador, viu-se que, no aporte do projeto, os usuários se beneficiam em recorrerem a serviços, como de saúde, quando necessitavam dessa assistência. A presença de



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

profissionais na instituição MCVE, para o acompanhamento dessas pessoas em locais como UBS (Unidade Básica de Saúde), ajudou os usuários a enfrentarem receios de serem mau tratados nas unidades, onde, no caso do Velador, por exemplo, o mesmo pôde sentir-se bem no contato com os profissionais de saúde e percebeu a igualdade nos atendimentos.

Sentinela, participante a qual se referiu como mulher trans, alegou que muitas das vezes a busca por encaminhamentos em outros locais pode ser vista com grande preconceito. Apesar de ter sido ajudada na companhia de profissionais da instituição, a mesma reconhece ainda o estigma social, onde apresentam-se preconceitos, em muitos locais da rede de atendimento em saúde.

Campos, Cardoso e Moretti-Pires (2019) apontam para a preocupação e dificuldade presentes nos sistemas de saúde para o atendimento de pessoas do público LGBT, que sofrem também com o problema social que chamamos por fobias de gênero, o que é um grande desafio para a qualidade do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil e para o acesso a direitos cidadãos. Portanto, o interesse político no seu aprimoramento a pessoa em situação de rua e a diversidade de gênero envolve a intersectorialidade que corresponda ao respeito às diferenças.

Por fim, procurou-se ter o entendimento sobre a importância da rede apoio, não só presente na rede de pessoas de convivência, como também de outros atores presentes no sistema social, bem como, na qualidade dessas relações quando as pessoas já estão situadas nas ruas.

### **A subjetividade construída a partir do viver nas ruas**

A subjetividade do ser humano é construída a partir de experiências, as quais são vividas ao longo dos tempos, e pode ser influenciada pelo ambiente, pessoas de convívio, hábitos, costumes, cultura, vínculos afetivos, estilo de vida e entre outros fatores.

Conforme Silva et al. (2020a) as representações sociais associadas ao contexto de pessoas em situação de rua são muitas das vezes lincadas a figuras negativas, atribuindo-se termos como mendigos, ladrões e dentre outras nomenclaturas de estereótipos e conceituação errônea desse público, e que também não condizem com a realidade dos mesmos. Dessa forma, no âmbito de vivência nas ruas tem-se não só a violação de direitos como propulsores da exclusão social e ausência do bem-estar, mas também se considera que as representações sociais, sendo pejorativas, podem influenciar em repercussões negativas a saúde mental dos sujeitos.

A respeito disso, o tratamento social realmente influencia na forma em que o ser humano se vê. Com o acompanhamento das entrevistas, os participantes puderam compartilhar a respeito de vivências de discriminações, das quais foram vivenciadas nas ruas, onde os mesmos pontuaram:



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Olheiro:** Quando a gente encontra um lugar melhor para dormir, os donos das lojas dizem: o que que você está fazendo aí? Vai dormir em outro canto seu malandro. Apesar deles me tratarem mal, eu nunca respondi nada. Fico sempre na minha, quieto.

**Velador:** Já sofri preconceito, já perguntaram de mim porque eu não volto pra minha família, eu sempre respondo que é por que eu não tenho condições mesmo. Aí fico nessa peleja de um lado para o outro.

**Sentinela:** Já! Várias [...].

A participante Atalaia relatou por outro lado que não viveu tantas discriminações sociais, relatando que por ser mulher e ter a idade atual, muitos chegaram a lhe fazer doações:

Acho que por eu ser mulher e pela minha idade algumas pessoas acabam sendo legal comigo, de vez enquanto me ajudam com roupa, comida, chamam meu marido pra ajudar a fritar banana na feira ou fazer algum serviço de pedreiro. Mas quando uso droga eles me jugam sem saber o eu passo.

E ao ser questionado aos participantes a respeito do sentimento após essas discriminações relatadas, alguns relataram sobre o constrangimento que sentiam, outros relataram sobre o sentimento de tristeza, e ainda outros sobre a culpa e vergonha:

**Olheiro:** muito chocado com tamanha maldade de coração. Triste, porque se eu tivesse onde ficar eu não ficaria incomodando na porta ninguém.

**Espia:** Me sinto constrangido, não só pelo que falam, mas pelas minhas ações no passado, tantas pessoas que passaram pelo mesmo problema que eu e conseguiram superar, eu estou aqui por não saber lidar com a situação e a vergonha de quando me chamavam de corno.

**Velador:** Eu me sinto humilhado, as pessoas imaginam o pior de quem mora nas ruas. O que elas não sabem é que nem todo mundo está nessa situação porque quer.

**Atalaia:** Fico triste, é muito fácil condenar, difícil é estar no meu lugar.

Nesse sentido, vemos que os aspectos de subjetivação sobre o viver nas ruas refletem em questões particulares de cada um, mas também correspondem a questões de risco e proteção, além das relações sociais entre esses sujeitos em situação de rua. Para tanto, o público situado nas ruas inclui a presença de familiares, sendo cônjuges, mães, pais, filhos e etc., ou somente corresponde ao grupo social de vivência (Gaia & Candido, 2020).

Ou seja, a subjetivação, para pessoas em situação de rua, se estende para vivência tanto de experiências boas, como de experiências ruins. A presença de familiares nas ruas também impacta na subjetividade de cada pessoa, porque existe a situação de se viver com pessoas desconhecidas nas ruas e em outros casos de conviver com os



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

próprios familiares nesse ambiente. Em todo o caso, o risco experienciado nas ruas acarreta impactos singulares para cada um.

Ainda sobre as questões de discriminação, o participante Espia relatou sobre vários xingamentos que recebe, que são referenciados como nomeações de marginalização: “A maioria das pessoas chamam a gente de cachaceiro, mendigo, malandro, vagabundo [...]”.

A partir disso, nota-se que os estereótipos sociais pejorativos a população em situação de rua, não correspondem as reais motivações que levam essas pessoas a se situar nas ruas. Contudo, considera-se a interface de experiências e a singularidade para com o viver nas ruas, e que pela coleta de informações com os participantes desta pesquisa percebeu-se que muitos vieram de realidades extremamente difíceis, e buscaram as ruas a priori, para terem acolhimento e “refúgio” diante das dificuldades (Ponte et al., 2022).

Para tanto, é muito importante que haja a conscientização social sobre o impacto dos estigmas que influenciam a autoimagem de outras pessoas. Pessoas em situação de rua já passam por dificuldade difíceis de lidar diariamente, e assim, as situações podem piorar quando há uma perpetuação de nomeações pejorativas aos mesmos.

Pôde-se concluir que os tratamentos sociais pejorativos a essas pessoas geram dificuldades, quanto a construção da própria imagem, pois pessoas em situação de rua podem se perceber como um problema na sociedade, e não terem tantas perspectivas para mudança de vida ou de novas oportunidades. É como se os mesmos se reconhecessem numa subjetivação que acompanha os estigmas sociais e as vivências de sofrimentos anteriores, e que atualmente se manifestam com a recorrência a outros tipos de ações, como se recorrência a vícios.

Por esses e outros motivos, a subjetivação construída em vivência nas ruas pode ser negativa. A subjetivação é muito mais relacionada a pensamentos dos próprios fracassos pessoais, dos quais essas pessoas não se veem com outro tipo de refúgio além das ruas (Reis & Azevêdo, 2019).

Existem outras questões que atuam como reforçadores dessas crenças errôneas e pejorativas, e dentre elas, destacam-se a o contato social com serviços públicos, que na verdade deveria ser prestado como direito e humanização de tratamento a todos, com total igualdade.

Vemos através dos relatos, que a generalização de ideias sobre marginalização e representações negativas são muitas vezes atribuídas a identidade e ações das pessoas em situação de rua, e essas por sua vez vivenciam essa realidade com sentimentos de exclusão e evitação social, permanecendo nas ruas pela ideia de aceitação de um grupo.

No entanto, nesta categoria, foi visto a partir dos relatos dos participantes, que esses se constroem muito pelas nomeações e tratamentos que recebem. Apesar de terem uma boa relação com os serviços de saúde, por exemplo, pelos quais frequentam junto a



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

instituição de apoio, os mesmos ainda possuem receio terem outras relações sociais, que não são presentes em seu grupo de convívio.

### **Considerações finais**

O presente estudo, teve como objetivo analisar, a partir das representações sociais acerca do estar nas ruas, os sentimentos e concepções tidas por pessoas em situação de rua, onde teve-se a participação dos usuários do Projeto Esperançar, no Movimento Comunitário Vida e Esperança, situado na cidade de Manaus – Am, para a realização da pesquisa de campo.

Sendo assim, pôde-se observar os fenômenos que os levaram a ida e permanência nesse âmbito social. Mediante a fala dos participantes percebeu-se que as ocorrências de imigração, desemprego, e principalmente, do rompimento de vínculos familiares e afetivos, tais aspectos foram expressos como motivações para o estabelecimento nos ambientes públicos.

Além disso, a partir do conhecimento tido com o referencial teórico, e averiguando-se o relato dos participantes da pesquisa, viu-se também que nas políticas públicas no Brasil, ofertando poucos recursos, tais como abrigos e locais de apoio social a PSR, refletem nas decisões dessas pessoas em terem as ruas como única opção de refúgio. Ao estarem nesse local os sujeitos se deparam em uma situação onde a sociedade se mostra julgadora e preconceituosa.

Logo, muitas vezes esse público é tratado de forma desumana, marginalizada e lincada a figuras negativas. Com isso, os mesmos passam a ter sentimentos de medo, insegurança, solidão, tristeza e até mesmo, sentimento de fracasso em se perceberem nas atuais condições. E para buscarem o sentimento de segurança, eles recorrem aos diversos grupos presentes nas ruas. Notou-se também que a falta de interação familiar pode delimitar o primeiro tipo de vulnerabilidade e problemática a ser vivida.

Desse modo, as pessoas que estão em situação de rua, se juntam formando um grupo, também no intuito de constituir uma família, para não se sentirem tão vulneráveis em meio às ruas. As ruas, são idealizadas com a sensação de liberdade e paz, visto que, em muitos casos o ambiente familiar tornou-se tão violento que essas pessoas sentem necessidade de buscar outras experiências, onde podem ter uma sensação de alívio.

Por outro lado, no intuito de esquecer o sofrimento que carregam, eles acabam tendo vícios. Sem ter a quem recorrer para lidar com a dor emocional, as drogas e as bebidas alcoólicas se tornam uma grande opção. Segundo a narrativa dos entrevistados, o uso de drogas era feito com o intuito de esquecerem tudo que passaram e também de enfrentarem a condição atual nas ruas.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Por isso, as ruas também representam um lugar onde os grupos se reúnem para não se sentirem excluídos, fortalecendo-se como rede de apoio onde procuram proteção. Porém, esse sentimento de exclusão traz consigo sofrimento emocional, onde os mesmos acabam se deparando com outras problemáticas, como de dependência química, violência e etc.

### Referências

- Abreu, D., & Salvadori, L. V. (2015). *Pessoas em situação de rua, exclusão social e rualização: reflexões para o serviço social*. Universidade Federal de Santa Catarina, Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social.
- Alcântara, S.; Abreu, D. P., & Farias, A. A. F. (2015). Pessoas em Situação de Rua: das Trajetórias de Exclusão Social aos Processos Emancipatórios de Formação de Consciência, Identidade e Sentimento de Pertença. *Revista Colombiana de Psicologia*, Bogotá, 24(1), 129-143. DOI: <https://chooser.crossref.org/?doi=10.15446%2Frcp.v24n1.40659>.
- Azevedo, A. V. S. (2020). Redes sociais significativas de homens em situação de rua no sul do Brasil. *Estudos de Psicologia*, Curitiba, 25(3), 324-334.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo* (1a ed.). São Paulo: Edições.
- Beeck, D. B., & Poletto, M. (2018). *A relação do vínculo: um estudo sobre as redes de apoio social e afetivo e a população em situação de rua*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Psicologia]. Faculdade IBGEN – Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios. Artigo submetido à banca em 2018.
- Borysow, I. C. & Furtado, J. P. (2013). Acesso e intersectorialidade: o acompanhamento de pessoas em situação de rua com transtorno mental grave. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 23(1), 33-50. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000100003>.
- Brasil (2005). CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Código de Ética Profissional do Psicólogo* - Resolução nº 010/05 de 21 de julho de 2005.
- Brasil (2015). *Guia de Atuação Ministerial: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua*. Conselho Nacional do Ministério Público – Brasília: CNMP.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Brasil (2012). Ministério de Saúde. *Resolução 466° de 12 de dezembro de 2012. [Aprova as diretrizes e normas de pesquisas envolvendo seres humanos e revoga as Resoluções CNS n. 196/96, 303/2000 e 404/2008.](#)*

Brasil (2017). Ministério do Desenvolvimento Social. *Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos – Brasília, DF: MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social.*

Brasil (2017). Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. *Acessuas Trabalho – Orientações Técnicas. Programa Nacional de Promoção do Acesso do Mundo do Trabalho 1a ed., Brasília - DF.*

Brasil (2009). *Resolução n. 109, de 11 de novembro de 2009. Aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Diário Oficial da União: sessão 1, Brasília – DF, nº 225, 1-43.*

Brito, C., & Silva, L. N. (2022). População em situação de rua: estigmas, preconceitos e estratégias de cuidado à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(1), 151-160. DOI: 10.1590/1413-81232022271.19662021.

Burke, C.; Jhonson, E. E.; Bourgalt, C.; Borgia, M. & O'Toole, P (2013). Losing work: regional unemployment and its effect on homeless demographic characteristics, needs and health care. *Journal of health care for the poor and underserved*, 24(3), 1391-1402. DOI: [10.1353/hpu.2013.0150](https://doi.org/10.1353/hpu.2013.0150).

Campos, A. G. D., & Souza, M. P. F. D. (2013). Violência muda e preconceito: estratégias de uma equipe de saúde em defesa da cidadania da população de rua. *BIS - Boletim do Instituto de Saúde*, 14(3), 344-351.

Campos, D. A.; Cardoso, H. M. & Moretti-Pires, R. O. (2019). Vivências de pessoas LGBT em situação de rua e as relações com a atenção e o cuidado em saúde em Florianópolis, SC. *SAÚDE DEBATE*, Rio de Janeiro, 43(8), 79-90. DOI: 10.1590/0103-11042019S806.

Campos, L. F. L. (2019). *Métodos e técnica de pesquisa em psicologia* (6° ed.). São Paulo: Alínea.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Caravaca-Moreira, J. A., & Padilha, M. I. (2015). A dinâmica das relações familiares de moradores de rua usuários de crack. *SAÚDE DEBATE*, RJ, 39(106), 748-759. DOI: 10.1590/0103-1104201510600030015.

Castel, R. (2013). *As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário* (11a ed). Petropolis, Rio de Janeiro: Vozes.

CFP - CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (2019). *Referências Técnicas para Atuação do Psicólogo na Atenção Básica de Saúde (1ª ed.)*. Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas – CREPOP, Brasília.

Cristo, L. A., & Cunha, M. G. N. (2018). *PROTEÇÃO SOCIAL E JUVENTUDE: UM OLHAR PARA O REORDENAMENTO DA PROTEÇÃO BÁSICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL EM MANAUS (AM)*. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, [s.l.], 16(1), 2018.

Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. EDUSC.

Cunda, M. F. & Silva, R. N. ME CHAMAM RUA, POPULAÇÃO, UMA SITUAÇÃO: OS NOMES DA RUA E AS POLÍTICAS DA CIDADE. *Psicologia & Sociedade*, RS, vol. 32, 2020.

DECRETO Nº 7.053 DE DEZEMBRO DE 2009. *Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências*. Presidência da República – Subchefia para assuntos jurídicos.

Esmeraldo Filho, C. E. E., & Ximenes, V. M. (2021). Pobreza e pessoas em situação de rua: uma revisão sistemática. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora, 15(3). DOI: <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.30064>.

Ferreira, F. V. & Alves, M. P. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS MORADORES DE RUA NO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE: Exclusão, dessemelhança e violência. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, 9(3), 35-56, 2015.

Figueiras, C. A. C. (2019). Morar na rua: realidade urbana e problema público no Brasil. *Cad. Metrop.*, São Paulo, 21(46), 975-1003. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4613>.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Fiorati, R. C.; Carreta, R. Y. D.; Panúncio-Pinto, M. P.; Lobato, B. C., & Kebbe, L. M. (2014). População em vulnerabilidade, intersectorialidade e cidadania: articulando saberes e ações. *Saúde Soc.*, São Paulo, 23(4), 1458-1470. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000400027>.

Fiorati, R. C.; Carreta, R. Y. D.; Kebbe, L. M.; Cardoso, B. L. & Xavier, J. J. S. (2016). As rupturas sociais e o cotidiano de pessoas em situação de rua: estudo etnográfico. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, [s.l.], vol. 37, 1-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.esp.7286>.

Gaia, R. S. P., & Candido, T. P. (2020). Contribuições da Psicologia Social para o atendimento à população em situação de rua no Serviço Especializado em Abordagem Social. *Revista Psicologia & Saberes*, [s.l.], 9(14), 4-15.  
DOI: <https://doi.org/10.3333/rps.v9i14.1093>.

Gomes; D. F., & Elias, F.T.S. (2016). Políticas públicas de assistência social para população em situação de rua: análise documental. *Com. Ciências Saúde*, 27(2), 151-158.

Gramajo, C. S. *et al.* (2023). (Sobre)viver na Rua: Narrativas das Pessoas em Situação de Rua sobre a Rede de Apoio. *Psicologia: Ciência e Profissão*, RS, vol. 43, 1-14. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003243764>.

Hamada, R. K. F. *et al.* (2018). População em situação de rua: a questão da marginalização social e o papel do estado na garantia dos direitos humanos e do acesso aos serviços de saúde no Brasil. *Revista de APS*, MG, 21(3). DOI: <https://orcid.org/0000-0002-7540-3141>.

Hino, P., Santos, J. O., & Rosa, A. S. (2018). Pessoas que vivenciam situação de rua sob o olhar da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, SP, 71(1), 684-692. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0547>.

Jodelet, D. (1988). *Representações Sociais: Fenômenos, Conceito e Teoria*. In: *Psychologie Sociale – Sous La Direction de Serge Moscovici*. Paris: PUF, 1984. Tradução de Celso Pereira de Sá, 1988, mimeo, 40 p.

Jodelet, D. (2001). *Representações sociais: um domínio em expansão*. Trad. Port. – Rio de Janeiro: UERJ.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Juliano, M. C. C., & Yunes, M. A. M. (2014). Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, [s.l.], 17(3), 135-154. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>.

Lane, S. T. M. (2017). *O que é psicologia social* (6° ed.). Brasiliense.

Maricato, E. (1994). *Exclusão social e reforma urbana*. Propostas: n. 62.

Melo, T. H. A. G. (2017). *Política dos “improváveis”: Percursos de engajamento militante no Movimento Nacional da População de Rua (MNPR)*. Tese. 341f. [Doutorado em Antropologia]. Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Mendes, C. R. P., & Fillipehorr, J. (2014). Vivência nas ruas, dependência de drogas e projeto de vida: um relato de experiência no CAPS-ad. *Rev. Psicol. Saúde*, Campo Grande, 6(1), 90-97.

Ministério da Saúde. (2014). *Saúde da População em situação de rua – Um direito humano*. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa/Coordenação Geral de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Ed. MS, Brasília – DF.

Monteiro, M. M. F. C. (2019). *A dimensão da intersetorialidade nas práticas do consultório na rua: a experiência do Rio de Janeiro*. [Mestrado em Saúde Pública]. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz - Rio de Janeiro.

Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.

Neves, M. O. (2015). A importância da investigação qualitativa no processo de formação continuada de professores: subsídios ao exercício da docência. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA - Campus Tucuruí. *Revista Fundamentos*, PA, 2(1).

Ogg, H. D. (2014). *CENTRO DE ASSISTÊNCIA À POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA*. [Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Arquitetura e Urbanismo]. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

Oliveira, L. M. F. (2017). *O Alcance da Proteção Social à População em Situação de Rua: a fuga do paradigma do direito*. [Tese - Doutorado



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

em Serviço Social e Política Social]. Universidade Estadual de Londrina.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (2015). *Conselho de Direitos Humanos*. Assembleia Geral – Nota da Secretaria, Distrito Geral – Português (BR), 30 de dezembro de 2015.

Paiva, I. K. S., *et al.* (2016). Direito à saúde da população em situação de rua: Reflexões sobre a problemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(8), 2595-2606. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015218.06892015>.

Patrício, A. C. F. A. (2019). *Condições clínicas associadas às pessoas em situação de rua*. Tese, 141 folhas. Tese [Doutorado em Enfermagem]. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN).

Patricio, S. T.; Ajuria, A. F.; Castro, L. C. (2016). Características de los ingresos hospitalarios de las personas sin hogar en Sevilla. *Revista Española de Salud Pública*, Madrid, vol. 90.

Paula, H. C. *et al.* (2018). A implantação do Consultório na Rua na perspectiva do cuidado em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, RJ, 71(6), 3010-3015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0616>.

Paula, S. O., & Ferreira, B. E. S. (2021). *Fatores Psicossociais Relacionados à Permanência de Pessoas em Situação de Rua*. [Artigo Acadêmico - Curso de Psicologia]. Faculdade Doctum de Serra - ES.

Pereira, L. F. P, & Fernandes, S. H. A. (2021). Representações Sociais: Fatores Determinantes na Vida, na Escola e nas Relações Interpessoais. *JIEEM*, 14(3), 352-359. DOI: <https://doi.org/10.17921/2176-5634.2021v14n3p352-359>.

Pereira, L. V. T. (2014). Albergue para pessoas em situação de rua. Instituto de Pós-Graduação (IPOG) – Master em Arquitetura. *Revista On-line IPOG Especialize* - Goiânia, 8º Ed., 1(009).

Pinho, R. J. (2020). *POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E O MUNDO DO TRABALHO: (im)possibilidades de transposição da linha abissal?* Universidade Federal de São Carlos Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, São Carlos – SP.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ponte, S. M. *et al.* (2022). A Invisibilidade Social da População em Situação de Rua: Um Relato de Experiência de Estágio. *Id On Line Rev. Psic.*, CE, 16(63), 188-203. DOI:

<https://doi.org/10.14295/idonline.v13i47.2089>.

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2º ed.). Novo Hamburgo: Feevale.

Reis, T. C. M., & Azevedo, A. V. S. (2019). Vivências de homens em situação de rua no sul do Brasil. *Contextos Clínicos*, RS, 12(3), 976-999. DOI: 10.4013/ctc.2019.123.13. DOI: 10.4013/ctc.2019.123.13.

Rodrigues, I. S. (2015). *A construção social do morador de rua: o controle simbólico da identidade*. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Juiz de Fora.

Rodrigues, J. S., Lima, A. F., & Holanda, R. B. (2018). Identidade, drogas e saúde mental: Narrativas de pessoas em situação de rua. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Fortaleza, 38(3), p. 424-436. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-37030004912017>.

Schenck, R. *et al.* (2017). Homeless in observatory, Cape Town through the lens of Max-Neef's fundamental human needs taxonomy. *Social Work*, [s.l.], 53(2), 266-287. DOI: [10.15270/53-2-568](https://doi.org/10.15270/53-2-568).

Schweitzer, L. (2017). *Os Sentidos do Trabalho para Trabalhadores Informais em Situação de Rua*. Dissertação. 231f. [Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Serafino, I., & Luz, L. C. X. (2015). Políticas para a população adulta em situação de rua: questões para debate. *Revista Katálysis*, Florianópolis, 18(1), 74-85.

Sicari, A. A., & Zanella, A. V. (2018). Pessoas em situação de rua no Brasil: revisão sistemática. *Psicologia: ciência e profissão*, DF, 38(4), 662-679. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003292017>.

Silva, A. H., & Fossa, M. I. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Revista Eletrônica Qualitas*, Campina Grande, 17(1), 2-14.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Silva, L. J. (2018). *Acolhimento de pessoas em situação de rua na assistência social: desafios e possibilidades*. [Dissertação em Mestrado Profissional]. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Florianópolis.

Silva, M. L. B. *et al.* (2020). Representações sociais de pessoas em situação de rua: uma revisão integrativa. *Psic. Rev. São Paulo*, SP, v. 29, n. 2, p. 448-470. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/download/47413/33996>. Acesso em: 07 de maio de 2023.

Silva, D. O. *et al.* (2020). Representações sociais de pessoas em situação de rua sobre “cuidar de si”. *Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn*, BH, 73(2), 1-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0956>.

Silva, C. R. (2020). *Você conhece a atuação do SUAS com a população em situação de rua?* Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Comunicação Social e Científica para Democratização da Ciência – UFSCAR, SP.

Sluzki, C. (1997). *A rede social na prática sistêmica: Alternativas terapêuticas* (1a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Souza, R. A. *et al.* (2020). Avaliação de qualidade da assistência pré-natal prestada pelo enfermeiro: pesquisa exploratória. *UFF, RJ*, 19(3). DOI: <https://doi.org/10.17665/1676-4285.20206377>.

Tonetto, L. M.; Brust-Renck, P. G. & Stein, L. M. (2014). Perspectivas metodológicas na pesquisa sobre o comportamento do consumidor. *Psicol. Cienc. Prof.*, Brasília - DF, 34(1). DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100013>.

Ulhoa, V. T. (2017). Para onde vão à história e a identidade de um morador de rua. *Revista HuffPost*, BR.

Veridiano, A. L.; Andrade, L. & Gomes, A. H. (2017). Práticas intersetoriais na atenção às pessoas em situação de rua: uma atuação entre “saúde” e “assistência social”. *Revista Visão*, Caçador/SC, 6(2), 155-166.

Vidoto, T. S. (2015). *LOAS: REFLEXOS DA INCONSTITUCIONALIDADE DO PARÁGRAFO 3º DO ARTIGO 20*



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

DA LEI 8.742/1993. [Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Direito]. Faculdade Vale do Cricaré - ES.

Wijk, L. B. V., & Mângia, E. F. (2019). Atenção psicossocial e o cuidado em saúde à população em situação de rua: uma revisão integrativa. *Ciência & saúde coletiva*, RJ, 24(9), 3357-3368. DOI: 10.1590/1413-81232018249.29872017.

**Recebido: 10.12.2023**

**Aprovado: 26.12.2023**

**Publicado: 01.01.2024**

**Autoras**

**Maria de Nazaré Sousa Gomes Castro** – Docente do curso de psicologia da Universidade Nilton Lins, Manaus – AM. e-mail [naza.mestradoufam@gmail.com](mailto:naza.mestradoufam@gmail.com).

**Aline Martins Monteiro** - Acadêmica do Curso de Psicologia – Universidade Nilton Lins, Manaus – AM, e-mail: [linemartinsmonteiro@hotmail.com](mailto:linemartinsmonteiro@hotmail.com).